

Pertence a a Essai Eloy de

Leandro Gomes de Barros

L. A. Barros

King

O IMPOSTO E A FOME

O reino da pedra fina

O homem que come vidro



A VENDA

Recife—Rua Imperial—84

1909



O imposto e a fome

O imposto disse a fome:
—Collega, vamos andar,
Vamos ver pobre gemer
E o rico se queixar?
A tarde está succulenta,
O governo nos sustenta
Nós podemos passeiar.

Disse a fome—eu estou tão triste
Que nem sei o que lhe diga
Este novo presidente,
Vôtes, credo, eu dou-lhe figa,
Este Hermes da Fonseca
Jurou acabar a secca
Vae tudo encher a barriga.

Disse o imposto—collega,
O governo é uma braza,
O imposto onde chegar
Até o fogo se arrasa,
Não fica eixo com cunha,
Não fica gato com unha,
Não fica um pinto com aza.

Disse a fome—ah ! meu collega,
No governo do Peçanha,
A desgraça vae a pique,
Fartura conta façanha,
Acaba-se até a secca...
E quando entrar o Fonseca
Já vê que a miseria apanha.

Te engana—disse o imposto,
O governo é todo um,
O ruim não dá o pão,
O bom augmenta o jejum,
E' como mosca em agreste,
Se houver governo que preste
Sahiu fora do commum.

Dizia a fome eu já vi
Conversar um deputado,
Olhando para o Brasil
Lamentando o seu estado,
Dizendo estás feito um tysico
Mas virá um medico physico
O qual te deixa curado.

Disse o imposto—isso é nada,
O Brasil está todo exposto.
Emquanto existir governo
Reina a fome e o imposto,
Os presidentes de Estados

Dizem—morrão os desgraçados
Ficando nós tudo é gosto.

Dizia a fome—me escute,
Agora vou lhe dizer
Uma grande exclamação
Que vi um sabio fazer.
Fazia as pedras chorarem,
Os arvoredos murcharem
E a terra estremecer.

Suspira Brasil ! suspira !
Tens razão de suspirar,
Já vi-te rir no prazer,
Hoje te vejo chorar,
Qual uma barca sem norte
Vendo os vai-vem da sorte
Esperando naufragar.

Teu sólo já foi coberto
Por vegetação dourada,
Teus montes foram de perolas
Tua riqueza invejada,
Hoje representas um monge,
Quem parecia de longe
Uma habitação de fada.

Outr'ora quantas potencias
Vinhão a teus pés adorar-te.
Desde o rei ao anarchista

Havia de respeitar-te,
Hoje estás como um menino
Até mesmo o argentino
Tem ameaçado dar-te.

Justiça em ti não ha mais
Creio que morreu de desgosto,
A lei ficou como um orphão
Sem pae, sem mãe, sem encosto,
O character foi embora
Só conhecemos agora
Politica, fome e imposto.

Com relação a imposto
Tenho um facto a registrar,
Um imposto escandaloso
Que é obrigado a pagar,
As cousas já vão tão boas
Que no estado de Alagôas
O sello vae se sellar.

Para dar agua a gallinha
Tem que se sellar o caco,
Qualquer velho tabaquista
Sella a caixa do tabaco,
Não tem que procurar meio,
Quem enterrar um esteio
Sella o pau e o buraco.

O dono da padaria
Tem que sellar o padeiro,

Só poderá namorar
Sellandô o alcoviteiro.
Ninguém pode revogar,
O noivo pode casar
Seliando a noiva primeiro.

Eu vi uma pobre velha
Que estava a se lastimar,
Disse—meu velho morreu
Eu queria me casar,
Mas chegou um colletor
Um carrasco malfeitor
Exigindo eu me sellar.

Mas eu supportarei tudo
Nesta terra desgraçada,
A delicia se acabou
Eu já gosei descansada
Nos bellos tempos idos
Casei com quatro maridos
E nunca fui carimbada.

Nas creações de terreiro
Ha de se sellar o gallo,
O bolleiro sella o forno,
Os almocreves os cavallos,
Os professores os meninos,
Os vigarios sellam os sinos,
Os sachristães os badalos.

Sella o jogador as cartas,
Sellam os irmãos as irmãs,
O boticario o remedio,
Os caçadores os cães,
Os cachaceiros as garrafas,
Os pescadores as tarrafas,
Os filhos sellam as mães.

Como diabo se supporta
Mais este imposto dos sellos ?
Com pouco as mulheres moças
Hão de sellarem os cabellos
O artista sella a tenda,
As velhas que fazem renda
Sellam os bilros e os novellos.

O homem que come vidro

Nesse nosso velho mundo
Tudo tem apparecido,
Nós já vimos tantas cousas,
Que o mundo está surprehendido,
Para nossa caipora,
Chegou-nos um homem agora,
Que come somente vidro.

Já neste mez de Novembro,
Vimos uma causa rara.

Um homem aqui no Recife,
Subiu ao céu n'uma vara.
E subiu sem pagar nada,
Foi ao céu por caçoada,
A viagem não foi cara.

Já veio um tal Ferramenta,
Quiz ir ao céu, mais voltou,
Depois veio José da Luz,
Este até ao céu chegou,
Não achou lá interesse
E disse : N'um logar desse
Morro de velho e não vou.

Agora appareceu outro,
Que fiquei sorprehendido,
Não come carne e farinha,
Mas, é damnado por vidro,
Estava o mundo na desgraça,
Sendo a terra de vidraça,
Lá ia o mundo comido.

Eu fiquei admirado
Quando a folha annunciou...
Comer vidro de garrafa!
Como o jornal me contou
Vou examinar de novo
Isso é mentira do povo,
Ou o jornal se enganou.

Fui vêr a coisa de perto
Vi elle mesmo comer...
Estala vidro no dente
Que faz a carne tremer,
Eu fiquei espavorido,
Disse, se eu fosse de vidro
Elle vinha me roer.

Come vidraça de porta,
Frasco, espelho e lampião,
E' damnado por garrafa,
Já come até botijão.
Um dia estava damnado
Que comeu de um só bocado
Um frasco e um garrafão.

O delegado sabendo
Que elle tinha apparecido,
Achava impossivel haver
Homem que comesse vidro
Foi mostrar-lhe um lampião
Elle ahi passou-lhe a mão,
Foi o chaminé comido.

Estava um marinheiro velho
Na porta de uma matriz,
Trazia uns oculos nos olhos
Estava olhando um chafariz
Entreteu-se com uns rotulos,

Elle aboccanhou os oculos,
Comeu-lhe até o nariz.

Um frade foi confessal-o
Depois d'elle absolvido,
Pegou a mirar o frade,
Pareceu-lhe ser de vidro
Abriu a bocca e partiu,
Que quando o povo accudio,
O frade estava comido.

Uma velha foi á missa,
Com um santarrão no pescoço,
Elle viu o vidro no quadro,
Disse, eu rôo aquelle osso,
Pegou a velha num canto,
Quando ella accudio o santo
Já estava feito um almoço.

Um visinho contando isso,
A um genro que a velha tem,
O genro disse, a fortuna
A mão do pobre não vem,
Do bem pobre não se logra,
Eu queria que minha sogra
Fosse de vidro tambem.

O Reino da pedra fina

(Continuação)

Moysaniel era o nome
Do turbulento rapaz,
Já decorriam dous annos,
Que tinha deixado os pais,
Vivendo em paiz extranho
Em attribuições fataes.

O rei tinha um horteleiro
De alma muito infiel,
Egoista, ambicioso,
Faccinoroso e cruel,
Levantou uma calumnia
Ao pobre Moysaniel.

Disse a sua magestade,
Que Moysaniel dizia
Que sabia aonde tinha,
A pedra que o rei queria,
Mas não gostava do rei,
Por isso não a trazia.

O rei mandou chamal-o,
E lhe disse: Vá procurar
Outra pedra igual áquella,
Se acaso não encontrar,

— 11 —

Depois que chegar aqui,
Eu o mando degollar.

Sahio elle muito triste,
Por uma deserta estrada,
Sem saber aonde fosse
Ver a pedra desejada
Foi parar casualmente,
Na dita serra encantada.

Passou com muito trabalho,
A cerca de pedraria,
Chegou á margem do rio,
Que da montanha descia,
Deitou-se alli sobre a relva,
Emquanto a lua sahia.

Estava pensando na vida
Quando viu se approximar
Um veado todo branco.
Veio a seus pés se curvar,
E disse: Minha senhora
Disse que fosse ceiar.

Perguntou elle ao veado:
Quem é a tua senhora?
Respondeu-lhe: E' prohibido
Dizer quem é, e onde mora.
O veado entrou no rio,
Mergulhou e foi embora.

Elle ficou ~~sophismando~~ *Vahie H/H pensando*
Quem era aquelle veado
E que mulher seria aquella,
Que lhe mandava o recado.
Depois lhe veio na mente,
Não fosse o reino encantado.

Olhando aquella montanha,
Tão solitaria e deserta
Viu uma furna de pedra,
~~Com uma grande bocca aberta~~ *enorme e aberta*
Ouvia dentro da ~~cova~~ *de dizer*
~~Dizer~~ sentinella, alerta!

Elle olhando para a furna
Ouviu uma voz ~~de~~ *Xla lo le* dentro
Que disse:—Maysaniel
Vem pernoitar aqui dentro!
Elle disse receioso
Demore um pouco que eu entro.

~~Finha~~ na bocca da furna, *H/H Luzim*
Um lampião de crystal,
Adiante tinha outra lampada
Sobre um mezão de metal,
Escriptas com lettras de ouro:
— Gabinete ~~Imperial~~.

Adiante tinha outra sala,
Com uma lampada acceza,

*De bocca
6
As omm*

Dez jarros de porcelana,
Côm flores da natureza,
Um quadro onde tinha escripto:
— Guarde Deus a Sua Alteza.

Ahi uma voz lhe disse:

*Preste
Euremto
Esta* ~~Tem adiante outra sala,~~ *agui toba a atten
cão*
~~Era uma sala sublime,~~
Tudo ~~finha~~ perfeição *H/H aqui tem*
~~Escripto em taboa de perola;~~ *em lettra de
madraperol*
— Sala para refeição.

Estava um mezão de marfim,
Côm um rico toalhado,
Uma cadeira de estufa,
Um talher de ouro lavrado,
Com a maior perfeição,
Que já se viu no passado.

Moysaniel olhou tudo
E um só ente não viu,
Quando uma voz feminina
De junto d'elle sahiu,
Deu-lhe uma pedra dizendo:
Está o que o rei lhe pediu.

Desembrulhou ahi mesmo
Um cofresinho de platina,
Tinha uma pedra embrulhada,
Num lenço de purpurina,

Com um cartão onde *liat-se:*
— Princeza da *pedra fina.*

— Moysaniel vae dormir,
A mesma voz lhe dizia,
Entrou elle para um quarto
De maior luxo que havia,
Ahi sentiu um contacto
De um corpo que ninguem via.

Ainda viu uma mão
De uma côr *elephantina,* *alabastina,*
Uns olhos grandes e vivos
De uma luz diamantina,
Viu escripto nas cobertas:
— Princeza da *pedra fina.*

Disse-lhe a voz invisivel:
— Levanta-te que já é hora,
Antes de dar meia noite
Tu has de ir embora,
Eu já mandei vir um onagro
Que *vae botar-te* lá fóra.

Não *de* importes o que ouvires, *XQ*
Nada tens que responder,
Não faças pergunta alguma
Sob pena de morrer,
Faça o que estou dizendo,
Que nada ha de acontecer.

E' prohibido eu *dizer-te*
C quanto isto aqui é serio,
Apenas digo, esta serra,
Já foi um soberbo imperio,
Porem ainda não é tempo
De descobrir o mysterio.

Tornou-lhe a dizer a voz:
Monte-se e deixe esta terra,
O onagro sahiu com elle
Depois que desceu a serra,
Ouviu sôar meia noite,
E tocar caixa de guerra.

Quando o dia amanheceu,
Já elle tinha chegado
Foi para seus aposentos,
Pousar que estava cansado,
O horteleiro pensava
Que elle estava degolado.

Dormiu até ás dez horas,
A's onze se levantou,
Deu um passeio pela rua
Foi ao hotel, almoçou,
Disse:—agora vou levar
O que o rei me encommendou.

Pediou licença e subiu
Já com a pedra na mão,

O rei quando viu a pedra
 Causou-lhe admiração,
 Elle perguntou ao rei:
 — Será esta a pedra, ou não?

E' esta: o rei respondeu,
 Estou-lhe muito obrigado,
 Lá no thesouro já tem
 Um dinheiro separado
 Vá receber dois milhões
 Em paga de seu achado. - /A

O hortaleiro que ahi estava
 Toda conversa escutando
 Ouvia tudo que o rei disse,
 Voltou em brazas pisando,
 Dizendo com seus botões:
 Eu estava bem me enforcando.

Então ~~poetise~~ a estudar
 O que havia de fazer,
 Estudando outra calumnia
 Que não deixasse de ser
 O plano mais acertado
 De Moysaniel ~~poetise~~. / a ~~poetise~~ per den

(Continuará n'As consequencias do
 casamento.)

6054

4